

## **CIDADE, PATRIMÔNIO E MEIO AMBIENTE: RESISTÊNCIA EM MEIO ÀS BORDAS DE PELOTAS/RS**

MATEUS FERNANDES DA SILVA<sup>1</sup>; FLAVIA MARIA SILVA RIETH<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mateusfernandesdasilva@live.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este resumo é fruto de discussões que tenho levantado em meu Trabalho de Conclusão de Curso e reflete minha experiência enquanto bolsista PIBIC-CNPq no projeto do Inventário Nacional de Referências Culturais: Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã/RS (INRC Lida Campeira). O INRC Lida Campeira tem como objetivo identificar, documentar e produzir conhecimento sobre os bens culturais da lida campeira nas regiões de Bagé e do Alto Camaquã. A partir da perspectiva de uma Pampa pluriversa (ESCOBAR, 2014), o projeto tem pensado nas diferentes relacionalidades entre humanos, bichos, plantas, água, terra e outras coisas.

Subsidiado por essa perspectiva, tenho desenvolvido minhas pesquisas no território do Passo dos Negros, em Pelotas, na Pampa sul-riograndense. O Passo dos negros está às margens do Canal São Gonçalo, que liga a Lagoa Mirim à Laguna dos Patos. É caracterizado como área de banhado, termo que se refere às áreas temporária ou permanentemente alagadas, também classificadas como áreas úmidas (BURGER, 2000). Tais ecossistemas abrigam grande diversidade de fauna e flora, e são muito importantes para o escoamento dos efluentes, evitando enxurradas e inundações em outras partes da cidade.

A ocupação do Passo dos Negros se deu em diferentes momentos históricos, embora, em alguns casos, seja retratado enquanto um vazio urbano, seja em mapas, seja em narrativas oficiais. Com a expansão do centro urbano de Pelotas, aquilo que antes não era valorizado enquanto área prioritária dentro dos planejamentos, por seu caráter periférico, passa a ser objeto da especulação imobiliária, a partir da construção de condomínios e outros empreendimentos no local.

Nesse sentido, minha pesquisa busca problematizar a lógica de dominação colonial sobre os seres e ambientes nos processos de modernização da cidade de Pelotas, a partir do apagamento histórico da comunidade do Passo dos Negros, e dos modelos de infraestrutura urbana adotados, que vêm, aos poucos, transformando o ambiente em construções de concreto, numa lógica de "sacrifício" da Pampa, em nome de um ideal de progresso (LIMA, 2020). Ademais, busco identificar os saberes e fazeres dos/as detentores/as e as relacionalidades entre os diferentes entes que são/fazem parte dos banhados do Passo dos Negros.

### **2. METODOLOGIA**

Tenho desenvolvido a pesquisa a partir de leituras, discussões e etnografias individuais e coletivas realizadas na região do Passo dos Negros. Meu contato com a comunidade teve início em 2017, através de minha participação no Projeto de Extensão “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”, vinculado ao Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processo de exclusão e as suas formas de habitar Pelotas”, ambos coordenados pela Profª Drª Louise Prado Alfonso. O projeto tem como foco a permanência da comunidade no local, tendo em vista os processos de remoção que vem sofrendo, bem como a preservação de seus patrimônios, ameaçados pelo avanço dos empreendimentos.

A relação entre ensino, pesquisa e extensão se tornou ainda mais necessária a partir de minha participação como bolsista, no período de 2020 a 2022 (PROBIC-FAPERGS 2020 e, posteriormente, PIBIC-CNPq 2021), no Projeto de Pesquisa “INRC Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã”, coordenado pela Profª Drª Flávia Rieth. No âmbito do projeto, as discussões começaram a direcionar meu olhar para as relações entre culturas e naturezas enquanto patrimônios do bioma Pampa.

A partir desse desdobramento, busquei acompanhar os deslocamentos (nos espaços vividos e nos tempos lembrados) dos habitantes do Passo dos Negros e suas lutas contra o tempo, produzindo uma etnografia da duração (ROCHA, ECKERT, 2013). Ou seja, através das narrativas dos interlocutores, busquei identificar a circulação de saberes, práticas, ideias e valores compartilhados pela comunidade.

As narrativas também evidenciaram as malhas tecidas com o ambiente, a partir dos vínculos entre os animais, as plantas, as águas, as terras, os patrimônios e os encantados. Nesse sentido, fui levado a “sentipensar” com a existência de outras formas de perceber e habitar a cidade, trazendo criaturas e coisas como partes das conexões com os ambientes e os humanos (KIRSKEY, HELMREICH, 2010).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Passo dos Negros foi local de passagem do gado que vinha dos Campos Neutrais, percorrendo o Caminho das Tropas, que ligava o Canal São Gonçalo à Tablada, onde era comercializado o gado (GUTIERREZ, 2001). Segundo Gutierrez (2001), o nome de Passo dos Negros se deu pela intensa circulação de negros na região. Embora atualmente não possa ser considerada uma comunidade negra, o processo histórico de apagamento da comunidade, de sua ocupação, de suas narrativas e de seus patrimônios, estão estritamente ligados com a história da população negra na região. Conforme Abdias do Nascimento (2002), raça não deve ser vista como um recorte, mas como algo central nas discussões.

Em um documento encaminhado recentemente pela equipe do Projeto do Passo dos Negros ao IPHAN, para apensamento ao processo de patrimonialização em andamento, foram identificados uma série de empreendimentos imobiliários - loteamentos, condomínios e conjuntos habitacionais - existentes e propostos para a região. O documento ainda aponta para articulações entre as intervenções públicas e os empreendimentos privados,

além da flexibilização da legislação para auxiliar na implantação desses empreendimentos.

Os projetos de urbanização, em Pelotas, vêm seguindo uma lógica de distanciamento da ruralidade, tornando impossível a existência de bichos e plantas - e até de pessoas - pelas ruas, numa suposta perspectiva de dominação da natureza e controle dos cidadãos humanos e não-humanos (LIMA, 2020). Como exemplo dessa dinâmica urbana, o Passo tem se revelado também num processo transitório entre a marginalidade e a centralidade, entre o rural e o urbano, pensando sempre nesses elementos em continuidade (SILVA, FIORINI, BATISTA, 2017).

Observa-se, a partir deste contexto, uma relação entre os conceitos de bordas (FLORES, 2018) e de margens (AGIER, 2015). Segundo Flores (2018) a borda é resultado do encontro entre água e a terra, e nos alerta para o caráter dinâmico dos ecossistemas e suas constantes variações/transformações. Ocupar a borda evidencia que nada está fixado em normativas preestabelecidas (FLORES, 2018). As bordas em Pelotas, tem sido historicamente os espaços “precários” das margens, nos múltiplos contextos do fazer-cidade. Segundo Agier (2015), as margens são os espaços no qual ganham sentido os processos identitários, e são fundamentais para se observar e compreender a existência das coisas na cidade, ao se dirigir não mais somente ao que se perde nos espaços da “não cidade”, mas também ao que nasce ali mesmo, como expressão de uma dialética mais geral do vazio e do pleno, do fraco e do forte.

Nesse sentido, é preciso garantir a permanência das pessoas que historicamente ocupam essa região. As relacionalidades destes ambientes constituem modos de vidas que reúnem uma série de práticas, crenças e saberes, relacionados ao manejo dos campos e animais, aos ciclos da pesca, entre outros. Estes saberes permitem a vida nesses fluxos, produzindo modificações sociais na paisagem, para além da adaptação humana (ORLANDO, 1979). Os manejos dos campos e animais evidenciam uma Pampa que é praticada na cidade, desde as construções de suas casas em meio ao solos úmidos, à pesca artesanal e as pequenas criações de galinhas, cabritas e cavalos.

Ora terra, ora água, essa liminaridade dos campos banhados se expressa, também, no seu caráter híbrido, do encontro entre diferentes mundos (terrestre/subaquático, humano/não humano) e diferentes períodos (passado/presente) (STOLL, 2019). Nesse sentido, observam-se as histórias oralizadas sobre os tempos da escravidão, as lembranças nostálgicas dos tempos trabalhados no engenho, bem como as narrativas dos pescadores ao lembrarem de um tempo em que havia fartura na pesca das águas do Canal São Gonçalo - antes de sua degradação ambiental causada pela poluição hídrica dos esgotos urbanos que ali desembocam.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da dinâmica entre ser, saber e fazer, nas formas de organização de uma comunidade, de suas relações sociais, seus conhecimentos, suas relações com o meio ambiente, suas práticas e outras questões que envolvem a vida dentro desses territórios autônomos, (ESCOBAR, 2016), evidencia-se, a partir dos campos banhados, outras maneiras de habitar a Pampa pluriversa (ESCOBAR, 2014), para além da lógica do Estado e dos projetos de infraestrutura urbanos.

Desta forma, destaco a importância de discutirmos sobre políticas de Patrimônio Cultural, apontando para a relações de pertencimento da comunidade e seu modo de vida como parte inseparável dos bens culturais (e do ambiente). Igualmente importante, é necessário discutirmos sobre direito à cidade e sobre políticas públicas que tratem de assuntos comuns a distintos coletivos sem aderir a práticas de dominação colonial (STENGERS, 2014).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. São Paulo: Mana 21, 2015.

BURGER, M. I. Situação e ações prioritárias para conservação de banhados e áreas úmidas da Zona Costeira. 2000.

ESCOBAR, Arturo. Autonomía y diseño: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

\_\_\_\_\_. Sentipensar con la tierra : nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. FLORES, Luiza Dias. Ocupar: composições e resistências quilombolas. UFRJ/ Museu Nacional, 2018.

GUTIERREZ, Ester. Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense. Ed. Universitária/UFPEL: Pelotas, 2.ed., 2001.

KIRSKY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. CULTURAL ANTHROPOLOGY, Vol. 25, Issue 4, p. 545–576, 2010.

LIMA, Daniel Vaz. Pelos (des)caminhos de gentes, bichos e coisas: uma etnografia a pé na pampa brasileira. 2020. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/7426>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2.ed., 2002.

ORLANDO, Fals Borda. Mompox y loba, Historia Doble de la Costa I. Ed Carlos Valencia: Bogotá, 1979.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 256p. il.; 14x21cm, 2013.

SILVA, Mateus Fernandes da; MARQUES, Gustavo Fiorini; BATISTA, Amanda Christianine; ALFONSO, Louise Prado. “Que não se esmaguem com palavras as entrelinhas” - uma abordagem do Passo dos Negros, em Pelotas: movimentos, cidade e patrimônio. Anais do IV Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2017.

STENGERS, Isabelle. “La Propuesta Cosmopolítica”. Revista Pléyade, p. 17-41, 2014.

STOLL, Émilie. “Vamos segurar nossas pontas!” Paisagem em movimento e domínio dos lugares no rio Arapiuns. Paisagens Evanescentes: Estudos sobre as Percepções das Transformações nas Paisagens pelos Moradores dos Rios Amazônicos. Editora NAEA, p.137-162, 2019.